

O DEBATE SOBRE O INSTRUMENTAL TÉCNICO-OPERATIVO NO SERVIÇO SOCIAL: UMA ABORDAGEM A PARTIR DO MÉTODO CRÍTICO DIALÉTICO

THE DEBATE ABOUT THE TECHNICAL-OPERATIVE INSTRUMENTS IN SOCIAL WORK: AN APPROACH BASED ON THE DIALETICAL CRITICAL METHOD

José Carlos do Amaral Junior¹

RESUMO

Este trabalho teve como objetivo discutir de que forma a instrumentalidade do Serviço Social nos auxilia a compreender criticamente os instrumentais técnico-operativos, pela via do método crítico dialético. Por meio de uma análise bibliográfico-documental, buscou historicizar o debate sobre a instrumentalidade no Serviço Social brasileiro e suas relações com a conversão ao materialismo histórico-dialético. Assim, demonstrou também como a prevalência dos instrumentais técnico-operativos pode refletir a alienação cotidiana nos distintos espaços sócio-ocupacionais, mascarando sobre a pretensa marca da neutralidade técnica a manutenção do *status quo*. Dessa maneira, é possível concluir que há um imbricamento necessário entre o entendimento da instrumentalidade do Serviço Social e a concepção metodológica hegemônica na categoria, coadunando em análises que, essas sim, dotadas de reflexão crítica e movimento, serão capazes de auxiliar a pensar formas de intervenção em prol da classe trabalhadora.

Palavras-Chave: Instrumentalidade; Método; Mediação.

ABSTRACT

The objective of this work was to discuss how the Social Work's instrumentality helps us to critically understand the technical-operative instruments, through the dialectical critic method. Through a bibliographic-documentary analysis, it sought to historicize the debate on instrumentality in Brazilian Social Work and its relations with the conversion to historical-dialectical materialism. Thus, it also demonstrated how the prevalence of technical-operative instruments can reflect everyday alienation in the different socio-occupational spaces, masking the maintenance of the *status quo* over the alleged mark of technical neutrality. In this way, it is possible to conclude that there is a necessary overlap between the understanding of the instrumentality of Social Work and the hegemonic methodological

¹ Profissional de extensão Rural no Instituto de Desenvolvimento Rural do Paraná IAPAR-EMATER (IDR-Paraná). Pós-doutorado em Serviço Social e Política Social. Doutor em Memória: Linguagem e Sociedade. Assistente Social, Historiador, Sociólogo e Economista Doméstico. jcamaral1987@gmail.com

endowed with critical reflection and movement, will be able to help to think of ways of intervention on behalf of the working class.

Keywords: Instrumentality; Method; Mediation.

Introdução

O debate sobre a dimensão técnico-operativa do Serviço Social e o domínio dos instrumentos e ferramentas disponíveis aos distintos espaços sócio-ocupacionais nunca figurou lugar secundário na história da profissão, embora a qualidade desse debate tenha sido sempre negligenciada. Uma rápida pesquisa direcionada em sites de buscas e redes sociais demonstra que, ao lado de cursos e materiais preparatórios para concursos, o domínio dos instrumentais técnico-operativos formam um enorme contingente de produtos destinados aos assistentes sociais. Esse por si só é um dado que, demonstrando o teor do empírico, reforça a importância central que essa dimensão possui para a categoria, embora exista um paradoxo sobre a qualidade e densidade de sua abordagem historicamente no seio da profissão.

Há um número muito reduzido de cursos e produtos formatados para aprimorar a capacidade teórico-metodológica dos assistentes sociais em detrimento daqueles de cunho técnico-operativo. Um leigo julgaria que, ao perceber a empiria da maior parte dos espaços sócio-ocupacionais hoje, laudos, perícias, relatórios, visitas e afins figuram um lugar muito importante para o agir profissional. Isso reforça a imagem generalizada de que o Serviço Social é uma profissão de caráter extremamente técnico, operando quase sempre dentro da burocracia estatal e sobre o domínio legal.

Essa percepção, no entanto, não é ocasional. O caráter tecnicista e utilitarista percebido é uma herança da gênese da profissão, cujo surgimento remonta à década de 1930, no capitalismo monopolista, em que a necessidade de uma intervenção especializada junto à classe trabalhadora emana como demanda do Estado (NETTO, 2011). Para lidar então com as expressões da Questão Social que se objetivavam principalmente entre o extrato urbano-industrial das classes subalternas, o Serviço Social institucionalizou-se como a profissão da “coesão e do consenso”, convocada a intervir na realidade dos trabalhadores a partir da ótica da burguesia (IAMAMOTO; CARVALHO, 2014). Esse contexto generalizado em que se institucionalizou fez emergir um campo profissional cuja semelhança com suas protoformas - ou seja, as formas historicamente anteriores de ajuda, filantropia e ação social - era notável, diferenciando-se pouco, mas cuja localização na divisão sócio-técnica do trabalho era substancialmente distinta (NETTO, 2011).

O DEBATE SOBRE O INSTRUMENTAL TÉCNICO-OPERATIVO NO SERVIÇO SOCIAL: UMA ABORDAGEM A PARTIR DO MÉTODO CRÍTICO DIALÉTICO

Isso ocorreu, em primeiro lugar, porque o aporte teórico-metodológico europeu, em especial o franco-belga, se fez hegemônico na profissão, aproximando o Serviço Social dos princípios de ação social da Igreja Católica, em que as encíclicas papais eram centrais (CASTRO, 2011). Disso resultou uma prática que, muito “próxima” das suas protoformas, fez emergir uma categoria profissional baseada no vocacionalismo feminino, na entrega e no assistencialismo. Mais tarde, tendo os EUA figurado lugar central na ordem mundial e se aproximado dos países periféricos sob a sombra da Guerra Fria e dos “acordos de cooperação”, o aporte teórico-metodológico europeu perdeu espaço para aquele de origem estadunidense, em que prevalecia uma abordagem tecnicista e positivista da intervenção profissional (MARTINELLI, 2011). Exemplifiqu-se com uma das obras mais influentes para o Serviço Social estadunidense no início do século XX, *Social Diagnosis* de Mary Richmond (1917), para entender como a intervenção técnica-positivista era a base nesse modelo profissional e, portanto, como impactaria no projeto brasileiro.

A influência desses aportes teórico-metodológicos, aliada à consolidação da área em espaços determinados da divisão sócio-técnica do trabalho no capitalismo monopolista, formatou uma profissão subalternizada, inespecífica, distante inicialmente do aporte das ciências sociais, próxima das perspectivas moralistas-cristãs, higienista e disciplinadora (NETTO, 2011; IAMAMOTO; CARVALHO, 2014). Todo esse contexto fez adiar, diante do cenário da frágil democracia brasileira que em sua curta vida fez o Serviço Social experimentar dois períodos ditoriais, uma renovação do projeto profissional que conseguisse, de fato, romper com o conservadorismo.

E historicamente, note-se, o conservadorismo prevalente na dimensão teórico-metodológica - e aqui deve-se incluir as vertentes positivistas e fenomenológicos de modernização conservadora e atualização do conservadorismo - fez inflar a dimensão técnico-operativa, marcando o Serviço Social como, nos termos de Guerra (2016), um campo profissional refém da cotidianidade, em que predominam a percepção empírica dos fatos, a imediaticidade das respostas e a alienação. Mas isso não quer dizer, reforça, que a dimensão técnico-operativa deva ser bombardeada e escanteada na leitura profissional da realidade, buscando inverter o velho jargão de que “na prática a teoria é outra”. O que é necessário se fazer é não perder de vista que a dimensão técnico-operativa deve ser compreendida do ponto de vista da instrumentalidade profissional, localizando-a na totalidade do agir dos assistentes sociais para a qual, sem dúvida nenhuma, os instrumentais e ferramentas disponíveis possuem importância (GUERRA, 2016).

O DEBATE SOBRE O INSTRUMENTAL TÉCNICO-OPERATIVO NO SERVIÇO SOCIAL: UMA ABORDAGEM A PARTIR DO MÉTODO CRÍTICO DIALÉTICO

Por isso, essa discussão está organizada em duas seções distintas, a saber: (I) Como o debate da instrumentalidade foi desenvolvido no Serviço Social brasileiro e, de que maneira ele remete à dimensão técnico-operativa; e (II) a centralidade dos instrumentais técnico-operativos no agir profissional e os desafios para mobilizá-los sem perder de vista o processo de instrumentalização no geral.

Instrumentalidade no Serviço Social: contornos de um debate

É com Yolanda Guerra em “A instrumentalidade do Serviço Social” (2014), publicado originalmente nos anos 1990, que o debate sobre a instrumentalidade aparece de forma mais sistematizada na profissão, rompendo com a tradição histórica de se discutir os instrumentais de um ponto de vista apartado dos aportes teórico-metodológicos. A autora faz nessa obra um complexo caminho teórico para demonstrar como, correspondendo a uma certa racionalidade prevalente ao momento histórico do capitalismo, há uma “lógica” de organização, sistematização e apreensão do real que invade o Estado, os espaços sócio-ocupacionais - em especial as políticas sociais enquanto espaço privilegiado - e formatam, por consequência, o agir dos assistentes sociais.

O que a autora busca fazer, recorrendo também à ontologia do ser social lukacsiana, como foi frequente no movimento de reconceituação pela via do marxismo, é demonstrar que a reprodução ingênua de que existe uma separação entre teoria e prática serve, na verdade, a interesses específicos. A forma como a sociedade, o Estado, as políticas sociais, os espaços sócio-ocupacionais e os aparatos instrumentais do profissional estão organizados reflete, para além dessa suposição grosseira, um posicionamento teórico racional abstrato que favorece a lógica de produção e reprodução do capitalismo (GUERRA, 2014). O que está no centro desse debate, portanto, é a noção de que instrumentalidade da profissão é substancialmente diferente dos aparatos de instrumentos (técnico-operativos) que são mobilizados no dia a dia profissional.

É importante uma pequena digressão para entender como o agir instrumental aparece no materialismo histórico-dialético. A mediação aparece em Marx (2017) enquanto fundamental para a *práxis* humana, a partir da qual o sujeito se coloca no mundo. Segundo o autor, o ser humano opera constantemente um agir, que ele denomina de “metabolismo com a natureza”, o que ocorre sempre de forma mediada, ou seja, há sempre elementos que instrumentalizam a transformação da realidade pelos sujeitos. É uma máxima também presente

O DEBATE SOBRE O INSTRUMENTAL TÉCNICO-OPERATIVO NO SERVIÇO SOCIAL: UMA ABORDAGEM A PARTIR DO MÉTODO CRÍTICO DIALÉTICO

em Marx (2017) de que ao transformar a realidade o sujeito transforma a si mesmo, demonstrando o caráter dialético dessa ação humana teleologicamente orientada. Em uma passagem famosa, diz o autor, o menos habilidoso dos arquitetos se diferencia da mais habilidosa das abelhas pelo seu pôr teleológico: a intervenção existe em sua mente, antes de existir no mundo concreto. Quando Marx (2017) localiza o trabalho enquanto categoria ontológica central, ele está mencionando todo o processo de ação instrumental - o pôr teleológico dos sujeitos, os instrumentos mobilizados para a ação, a ação transformadora em si e toda causalidade e objetividade que ela compreende, a concretude do agir e a transformação dialética total (sujeito, instrumento e mundo objetivo) resultante da ação.

Os psicológos soviéticos da Psicologia Histórico-Cultural levam a cabo esse conceito e demonstram como toda a ação só é possível se mediada por um instrumento. Vygotsky (2007; 2009) aborda em seus trabalhos como a mente humana se diferencia da mente dos demais animais na medida em que se afasta do binômio estímulo-resposta e artificializa o pensamento colocando um terceiro elemento, a mediação instrumental, entre ambos. Isso quer dizer, nos termos do autor, que o ser se humaniza na medida em que, no e pelo trabalho, se apropria do conjunto de conhecimentos historicamente construídos e condensados pelo ser social, que passam a promover a mediação necessária para que a formação da mente dê os saltos qualitativos que distanciam os seres humanos do condicionamento instintivo da espécie. Note-se que há uma aproximação muito intensa de Vygotsky (2007; 2009), Luria (1999; 2008; 2016) e Leontiév (2004) com a ontologia do ser social de Lukács (2018), propostas teóricas formuladas cada uma a seu modo e tempo mas, em sua base, partindo dos elementos deixados por Marx para o entendimento de como o ser humano se humaniza, como as relações humanas se complexificam a ponto de resultar na sociedade moderna e, de que maneira, indivíduo e sociedade estão imbricados de tal modo que, constituindo-se dialeticamente, estão em constante mudança.

O que os psicólogos soviéticos promoveram foi um debate, tendo a mente humana enquanto objeto, também a partir de uma perspectiva ontológica. Lukács (2018) segue o caminho da construção de uma ontologia do ser social, mas tendo em vista a relação do indivíduo com a sociedade, para o qual, vale destacar, a instrumentalidade também é condição de mediação. O sujeito nasce em uma determinada sociedade e é socializado se apropriando das construções historicamente condensadas pelo corpus social, a partir do qual se constituirá tanto como sujeito humano daquele tempo, quanto como parte do ser social (LESSA, TONET, 2011). Assim, se instrumentaliza a partir desse arcabouço simbólico-objetivo que apreende, e

O DEBATE SOBRE O INSTRUMENTAL TÉCNICO-OPERATIVO NO SERVIÇO SOCIAL: UMA ABORDAGEM A PARTIR DO MÉTODO CRÍTICO DIALÉTICO

sua práxis está completamente dependente desses elementos (Op. cit.). Isso não significa necessariamente, advertem os autores, que os sujeitos reproduzem infinitamente padrões de ação, comportamento e pensamento, pois seria esvaziar o caráter dialético do agir teleologicamente orientado. Portanto, os sujeitos agem sobre o real a partir de um aparato instrumental social e historicamente estabelecido, mas a transformação da realidade pode resultar em um processo de subjetivação-objetivação que altere substancialmente todas as partes da ação - o sujeito, o instrumento, o objeto.

O que Yolanda Guerra (2014) traz para o campo do Serviço Social é, na verdade, um complexo debate que abrange a ontologia do ser social, o agir instrumental, o pôr teleológico dos sujeitos, a dialética do trabalho e as possibilidades de mudança. O apelo da instrumentalidade feito pela autora está em capacitar profissionais que sejam capazes de mobilizar, no curso da intervenção profissional, as dimensões teórico-metodológica, ético-política e técnico-operativa de forma orquestrada, indissociável, compreendendo que o recorte da realidade sobre o qual o profissional atua não pode perder de vista a totalidade das relações sociais. Se os instrumentais técnico-operativos se sobrepõem aos demais, a instrumentalidade profissional está esvaziada de sentido ético-político e de referências teórico-metodológicas que tenham em vista um outro projeto de sociedade (GUERRA, 2016).

A instrumentalidade enquanto a capacidade do sujeito de mobilizar essas dimensões nos curso da transformação da realidade coloca, portanto, na ordem do dia, a discussão de como os instrumentais técnico-operativos continuam formatando o agir profissional, e de que forma sua predominância colocam em risco conquistas profissionais, como o Projeto Ético-Político da Profissão.

A profissão do saber fazer

Entender a centralidade dos instrumentais técnico-operativos requer, como já dito, compreender o processo histórico de constituição do Serviço Social no Brasil. Tendo sido consolidado inicialmente pelo aporte teórico-metodológico europeu e estadunidense, a área oscilou entre o vocacionalismo das atividades a partir de uma leitura dogmática da ajuda, até à intervenção tecnicista pretensamente neutra, ora focada no indivíduo, ora focada em grupos e comunidades (CASTRO, 2011). O longo período a partir do qual a área se capilarizou e consolidou no Brasil, no seio da Ditadura Militar, gestou também as condições para que rompesse com o conservadorismo pela via da Teoria Social Crítica (NETTO, 2018). Essas

O DEBATE SOBRE O INSTRUMENTAL TÉCNICO-OPERATIVO NO SERVIÇO SOCIAL: UMA ABORDAGEM A PARTIR DO MÉTODO CRÍTICO DIALÉTICO

décadas de conservadorismo e projetos de renovação que apenas atualizavam perspectivas conservadoras - como pela via do positivismo e da fenomenologia - fizeram ecoar uma formação centrada no saber fazer, no domínio das técnicas e instrumentos e na operacionalização de políticas (IAMAMOTO, 2013).

Aí reside a armadilha da supremacia da técnica: o mascaramento de aportes teórico-metodológicos que, longe de uma perspectiva transformadora da realidade social, servem à ordem do capital (GUERRA, 2016). A autora demonstra, recorrendo às análises da vida cotidiana, como a pretensa neutralidade e acurácia dos instrumentais técnico-operativos surge da ordem do imediato, do trabalho alienado e de uma leitura da sociedade a-crítica. O positivismo alastrou-se facilmente enquanto tecnicismo, alinhando-se perfeitamente aos modelos de gestão da produção que, embora se apresentassem como científicos e melhorados, levavam à última consequência a exploração dos trabalhadores e o aumento de extração da mais-valia (HOBSBAWM, 2018). A técnica pela técnica, embora pretensamente neutra, sempre serve a uma determinada visão de mundo. E a instrumentalidade, como reforça sucessivamente Guerra (2014), é a capacidade desenvolvida pelo profissional de mobilizar seus aportes para, levando em consideração seu por teleológico, realizar a transformação pretendida. Quando se perde de vista que a instrumentalidade não equivale a conhecer e usar um conjunto de determinados instrumentos e técnicas, esvazia-se um por teleológico politicamente compromissado (GUERRA, 2014). Práticas assépticas, como aquelas propostas pela via fenomenológica, também ganham impulso na pretensa neutralidade que é central em determinado viés dialógico-invididualista.

Todo o processo de amadurecimento do Serviço Social coadunou, nos anos 1990, com a construção do Projeto Ético-Político da categoria que, nos termos de Barroco (2010), materializa um compromisso ético-político com a classe trabalhadora, alinhando o agir profissional com um determinado projeto de mudança que deve orientar o dia a dia dos assistentes sociais. As diretrizes da ABEPSS de 1996, que integram a formatação desse Projeto, buscam refletir no processo de formação dos assistentes sociais o compromisso com essa leitura da realidade que resulte em uma prática compromissada com as classes subalternas, ressaltando a importância de se promover nos sujeitos em formação o desenvolvimento de habilidades que se convertam em um determinado processo de instrumentalidade. Todas essas modificações levam em conta que - e isso está objetivado nos diversos documentos que dão forma concreta ao Projeto - é preciso considerar que os assistentes sociais necessitam desenvolver habilidades

O DEBATE SOBRE O INSTRUMENTAL TÉCNICO-OPERATIVO NO SERVIÇO SOCIAL: UMA ABORDAGEM A PARTIR DO MÉTODO CRÍTICO DIALÉTICO

que remetam ao domínio das dimensões teórico-metodológica, ético-política e técnico-operativa.

O caráter historicamente eclético com que o Serviço Social recebeu aportes teóricos-metodológicos diversos, alinhado a seu processo de institucionalização e legitimação por dentro da ordem monopolista e dos interesses da burguesia, conforme demonstra Netto (2011), atribuiu à categoria características peculiares, dentre as quais se destacam a orientação centralizada na prática, o ecletismo teórico no dia a dia profissional e a manutenção, em diversos espaços, de uma perspectiva assistencialista. O encorpado arcabouço tecnicista herdado do Serviço Social estadunidense endossou o caráter praticista da profissão, subalternizada e quase sempre orientada para realidades emergentes (MONTAÑO, 2009). Os “metodologismos” que marcaram o debate profissional após o Movimento de Reconcepção ajudaram a endossar vias conservadoras diversas, que diluíram o debate técnico-operacional em nuances variadas.

Todos esses elementos corroboram para que, confrontados com as distintas exigências institucionais - quase sempre da perspectiva da manutenção do poder e da ordem - os assistentes sociais se vejam, frequentemente, reféns de um fazer profissional alienado, recortado e puramente tecnicista, muitas vezes escorando na herança de um “saber fazer” central (GUERRA, 2016). A autora demonstra como, reduzidos aos instrumentais dessa natureza, os assistentes sociais se tornam meio para quaisquer finalidades. Coptados pela reprodução da sociedade capitalista que ocorre no fazer cotidiano, argumenta, visto que as relações sociais no capitalismo tendem a reproduzir as lógicas do modo de produção, os profissionais frequentemente são engolidos pelo pragmatismo da ação, pela ultrageneralização, pela prática irrefletida, pelas respostas funcionais e pelo excesso de confiança, ou seja, completamente imbuídos na cotidianidade.

Suspender-se do cotidiano, pela prática refletida, investigação e pesquisa, participação e organização política, é uma necessidade para que se rompa com as dificuldades dessa natureza (GUERRA, 2016). O que coloca de novo na ordem do debate o ponto de partida da discussão: diante de um aparato tão denso de instrumentais técnico-operativos que se apresentam como a especialização mesma da profissão, como não sucumbir à prática alienada que garanta à intervenção profissional uma instrumentalidade adequada?

Sendo parte da classe trabalhadora, cujo maior empregador no Brasil sempre foi historicamente o Estado, o Serviço Social se encontra em uma relação contraditória tal qual não conseguiu historicamente estabelecer um processo de trabalho geral, mas se insere em distintos

O DEBATE SOBRE O INSTRUMENTAL TÉCNICO-OPERATIVO NO SERVIÇO SOCIAL: UMA ABORDAGEM A PARTIR DO MÉTODO CRÍTICO DIALÉTICO

processos de trabalho (IAMAMOTO, 2015). Isso instaura um falso dilema na categoria em que “na prática a teoria é outra”, um reflexo direto dessas contradições que tomam forma nos distintos espaços sócio-ocupacionais (Op. cit.). Portanto é esperado que, diante de processos de trabalho distintos nos mais variados espaços sócio-ocupacionais, ocorra uma alta demanda pelo domínio dos instrumentos técnico-operativos centrais de cada um deles. Note a diferença em termos instrumentais que os assistentes sociais encontram nos processos de trabalho, por exemplo, na assistência social, no sociojurídico e na saúde, mesmo tendo o Estado como empregador nos três casos. A “corrida desenfreada” pelo domínio técnico não é, portanto, fenômeno inexplicado. Tampouco isolado, visto que reflete o regime de acumulação flexível cujo conjunto de habilidades exigido dos trabalhadores aumentou expressivamente, como argumentam Harvey (2016) e Antunes (2018). Mas para o Serviço Social, cuja gênese remete ao tecnicismo-positivista e ao moralismo-cristão para apaziguamento da luta de classes, sucumbir ao falso dilema da prática *versus* teoria é, facilmente, esvaziar de sentido o Projeto Ético-Político da profissão, uma de suas maiores conquistas na entrada do século XXI.

Guerra (2014) finaliza seu trabalho clássico com um capítulo intitulado “Causalidade e teleologia: o protagonismo dos sujeitos na direção teórica da sua *práxis*”, cuja reflexão final também é pertinente ao compreendermos o processo de instrumentalidade e o arsenal técnico-operativo disponível aos assistentes sociais: nos limites da sociedade burguesa, estando em contato constante com a classe trabalhadora e suas demandas, é possível converter a intervenção profissional em prática transformadora, se estão garantidos os alinhamentos teórico-metodológicos e ético-políticos necessários.

Considerações Finais

Compreender a instrumentalidade no Serviço Social é desafio de grande peso, sobretudo em tempos de avanço do neoliberalismo, desestruturação das políticas sociais e fragmentação acelerada dos processos de trabalho. Portanto, o domínio do instrumental técnico-operativo é parte imprescindível do agir profissional, que precisa mobilizar os instrumentos, técnicas e ferramentas adequadas para atingir seus objetivos. O por teleológico dos sujeitos, no decorrer da sua *práxis*, por mais que esteja teórico-metodologicamente e ético-politicamente orientado, sempre vai necessitar de um aparato técnico-operativo para objetivar seu curso de ação. Portanto, os instrumentais dessa natureza possuem sim importância no domínio profissional, o

O DEBATE SOBRE O INSTRUMENTAL TÉCNICO-OPERATIVO NO SERVIÇO SOCIAL: UMA ABORDAGEM A PARTIR DO MÉTODO CRÍTICO DIALÉTICO

que não quer dizer que devam orientar toda a ação em si, e reverberarem no esvaziamento de um agir comprometido com um novo horizonte societário e uma leitura crítica da realidade.

As contradições inerentes ao capital não deixam de cessar suas influências sobre os distintos espaços sócio-ocupacionais, e o Serviço Social, certamente, é interpelado por muitas delas. A instrumentalidade aparece para a categoria como problemática especialmente assentada nessas contradições, em que agir profissional e cotidiano devem ser articulados a um projeto societário mais global. De fato, não são poucos os desafios que esse fluxo analítico coloca. Por exemplo, historicamente os mesmos instrumentais técnico-operativos serviram a propostas ético-políticas e correntes teórico-metodológicas diversas, o que demonstra necessidade crítica de compreensão para a ação. O agir investigativo contínuo, a reflexão crítica sobre os instrumentais e técnicas, a revisão constante da ética como mediação da ação e o por teleológico objetivamente contextualizado são maneiras eficazes de seguir caminhando para o “repensar” criticamente o Serviço Social no século XXI.

Referências Bibliográficas

- NETTO, J. P. **Capitalismo monopolista e Serviço Social**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- IAMAMOTO, M.; CARVALHO, R. **Relações sociais e o Serviço Social no Brasil - esboço de uma interpretação histórico-crítica**. 41. ed. São Paulo: Cortez, 2014.
- CASTRO, M. M. **História do Serviço Social na América Latina**. 12. ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- MARTINELLI, M. L. **Serviço Social - Identidade e alienação**. 16. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2011.
- RICHMOND, M. E. **Social Diagnosis**. New York: Russell Sage Foundation, 1917.
- GUERRA, Y. A dimensão técnico-operativa do exercício profissional. In: **A dimensão técnico-operativa no Serviço Social - Desafios contemporâneos**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2018
- VYGOTSKY, L. S. **A construção do pensamento e linguagem**. 2. ed. São Paulo: WMF Martins, 2009.
- VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- GUERRA, Y. **A instrumentalidade do Serviço Social**. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2014.
- LEONTIÉV, A. N. **O desenvolvimento do psiquismo**. 2. ed. São Paulo: Centauro, 2004.

O DEBATE SOBRE O INSTRUMENTAL TÉCNICO-OPERATIVO NO SERVIÇO SOCIAL: UMA ABORDAGEM A PARTIR DO MÉTODO CRÍTICO DIALÉTICO

- LUKÁCS, G. **Para uma ontologia do ser social I.** 2. ed. São Paulo: Boitempo Editorial, 2018.
- LURIA, A. R. **A mente e amemória - um pequeno livro sobre uma vasta memória.** São Paulo: Editora Manrtins Fontes, 1999.
- LURIA, A. R. **Desenvolvimento Cognitivo - seus fundamentos sociais e culturais.** 7. ed. São Paulo: Ícone, 2016.
- LURIA, A. R. **O homem com um mundo estilhaçado.** Petropólis, Rio de Janeiro: Vozes, 2008.
- LESSA, S.; TONET, I. **Introdução à filosofia de Marx.** 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2011.
- NETTO, J. P. **Ditadura e Serviço Social - uma análise do Serviço Social no Brasil pós-64.** 17. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2018.
- IAMAMOTO, M. **Renovação e conservadorismo no Serviço Social.** 13. ed. São Paulo - SP: Cortez Editora, 2013.
- HOBSBAWN, E. **A era dos impérios (1875-1914).** 25. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018.
- BARROCO, M. L. S. **Ética - fundamentos sócio-históricos.** 3. ed. São Paulo - SP: Cortez Editora, 2010. 8v.
- MONTAÑO, C. **A natureza do Serviço Social.** 2. ed. São Paulo: Cortez, 2009.
- IAMAMOTO, M. **Serviço Social em tempo de capital fetiche - capital financeiro, trabalho e questão social.** 9. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2015.
- HARVEY, D. **17 contradições e o fim do capitalismo.** São Paulo: Boitempo, 2016.
- ANTUNES, R. **O privilégio da servidão.** São Paulo - SP: Boitempo, 2018.